

Diversão em festa

Choro no Eixo abre os trabalhos do CoMA na tarde de hoje

» ISABELA BERROGAIN

Foi dada a largada de um dos festivais mais amados da cidade. A 7ª edição do CoMA começou na tarde de ontem, nos gramados do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), de forma gratuita. Ao longo de todo o fim de semana, a abertura do evento ocorre de maneira especial: com atrações majoritariamente brasileiras. Hoje, animam o público da cidade o Choro no Eixo e as bandas Lupa e 'akhi huna.

O projeto de chorinho que bate ponto semanal no Eixo do Lazer, todo domingo, foi a atração escolhida para abrir os palcos dos dois primeiros dias de festival. Comandada pelo cavaquinista Márcio Marinho, a roda de hoje conta com a participação de Eliane Faria, filha de Paulinho da Viola, e da também brasileira Teresa Lopes.

Estilo musical que, em março, foi registrado como Patrimônio Cultural do Brasil, após decisão unânime do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o choro faz parte da história da cidade. "Ele está nas raízes de Brasília desde o seu nascimento. Brasília tem contato com o estilo desde a vinda do funcionalismo público para a nova capital. Dilermando Reis, um grande chorão e violinista, veio para cá com Juscelino Kubitschek", conta Marinho, que intitula Brasília como "a capital do choro".

"Aqui foi criada a primeira escola de choro do mundo, a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello. Também temos o Clube do Choro, uma das casas brasileiras com mais tempo de atividade, sem fechar as portas", destaca. "Por isso, eu digo que Brasília sempre amou o choro, o público só precisava ter contato e conhecer para ter certeza disso", afirma o artista.

Projeto que tem como um dos principais pilares a democratização da música, o Choro no Eixo foi responsável por permitir que novas gerações também tivessem acesso ao ritmo. "É um espaço em que as famílias se sentem bem. Vão pessoas de todas as idades, pets, crianças, todo mundo. E, querendo ou não, elas estão tendo contato com a sua cultura genuína, já que o choro está na base de todos os gêneros musicais brasileiros. Talvez seja a música que dê mais fisionomia ao povo brasileiro", opina Marinho.

"O choro começa como um gênero, mas ele se torna uma linguagem também. E a gente pode tocar tudo que a gente quiser dentro dessa linguagem, seja Beyoncé, Beatles, Arlindo Cruz, bossa nova, forró, axé, samba, pagode, guitarra", lista o cavaquinista. "O choro é muito generoso nessa questão", afirma.

Mistura de ritmos e sons, Brasília também segue sendo a capital do rock. Representante do estilo que consagrou a cena musical da cidade nas décadas passadas, a banda Lupa estreia no CoMA às 17h30 e mostra, pela primeira vez, ao público do festival o outro extremo do som brasileiro. "A Lupa está levando o rock para quem não aguenta mais ouvir que Brasília só foi incrível nos anos 1980. Estamos mostrando a nova cara de uma cidade que está mais viva do que nunca, e não pode se contentar em ser só um museu", destaca o vocalista Múcio Botelho.

"Existe uma juventude inteira se apaixonando pela nossa banda e pelo jeito que a gente vê Brasília. O rock é vivo, se reinventa e está conquistando toda uma nova geração pelo Brasil", acrescenta.

Apaixonado pelo gênero, Múcio advoga a favor do reconhecimento do rock brasileiro. "Brasília tem ouro e nossa cultura precisa ser cada vez mais impulsionada. O axé foi política de estado da Bahia; o samba, do Rio; o brega funk, do Recife; e o rock precisa ser política de estado de Brasília. O rock é patrimônio imaterial do DF, é parte da nossa identidade. Fala sobre o que nós fomos, sobre quem somos e sobre o que queremos ser. A cultura é vocação do DF e tem que ser um dos vetores pro desenvolvimento da nossa cidade", defende o músico.

Nascidos e criados em Sobradinho, os irmãos João Pedro e João Davi Mansur, do duo 'akhi huna, encerram a festa candanga do CoMA de hoje. Também conhecidos como JP e Dila, eles voltam aos palcos do festival após levarem o nome da cidade em que nasceram a nível mundial — mais recente disco da dupla, que navega entre o jazz americano e a música popular brasileira, Urubu arebata foi gravado em Los Angeles, em meio a uma série de shows internacionais dos artistas brasileiros.

Segundo Dila, Sobradinho esteve presente em todas as etapas da carreira dele e do irmão, desde o primeiro contato com a música. "Nossa cidade tem grande influência na nossa caminhada e, consequentemente, nas coisas que expressamos no nosso trabalho. Essa influência é impressa na sonoridade dos arranjos e produções que fazemos, bem como nas letras, uma vez que retratamos nossas experiências e sentimentos da infância", relata.

Expoente da música brasileira, a dupla percebe o DF como um "polo cultural recente, mas efervescente". "Precisamos sempre fazer o nosso melhor e criar um material artístico de alto

Celebração da música



nível. Pelo fato de não estarmos nos principais eixos de produção artística do Brasil, obter destaque no cenário nacional partindo daqui requer excelência", aponta.

Por isso, Dila analisa o festival como uma vitrine essencial para a valorização da cena local. "É muito importante que existam festivais que possibilitem que os artistas do nosso estado possam apresentar as músicas que desenvolvemos da melhor forma, com grande estrutura de palco e som. Torçemos para que surjam cada vez mais eventos com a proporção e o alcance do CoMA", finaliza.

Segunda casa

Em meio à celebração da música brasileira, quem fecha o dia de apresentações é a banda baiana Maglore. Original de Salvador, o quarteto de rock alternativo, apesar da distância geográfica, considera Brasília como segunda casa. Com o CoMA, o grupo divide uma história de mais de seis anos — eles estrearam no festival em 2018 e voltaram aos palcos do evento em 2022, na primeira edição pós-pandemia.

"Brasília é uma cidade que ganhou o coração da banda", declara o baterista Felipe Dieder. "É um lugar que a gente investiu desde sempre. A banda toca em Brasília há mais de 10 anos, e sempre dividiu a noite com artistas locais, então acaba que a gente mantém uma relação também de amizade e de proximidade com eles", garante o músico, que também revela ser fã de grande parte da line-up do evento.

Dieder define o CoMA como um festival que concentra grandes representantes locais. Para ele e os colegas de banda, tal essência do evento dá um tom ainda mais especial às apresentações na capital. "A gente ama Brasília, a verdade é essa. E é sempre uma delícia tocar com o pessoal da cidade também, porque sempre estamos conhecendo coisas novas e nos deparando com artistas que a gente já conhece. É massa demais", celebra.

Para além da relação atual com a música do quadrado, o integrante acrescenta que a banda baiana também herdou muito das referências culturais brasileiras, dos anos 1980 e 1990. "Brasília é uma cidade que, historicamente, tem uma força muito grande, falando do universo pop e rock, vertentes em que a Maglore passeia", avalia. "É um cenário de muita força e muitos anos. É uma grande referência, é quase que chover no molhado falar do rock de Brasília. Foi a gênese de muita coisa", afirma Dieder.

A programação do CoMA segue até 11 de agosto, com shows de Alceu Valença, Rachel Reis, Criolo e Jaloo. Os ingressos para os próximos dias também devem ser adquiridos por meio do site oficial do CCBB, mediante pagamento. Os ingressos são vendidos a partir de R\$ 15.

ATRAÇÕES BRASILIENSES SÃO DESTAQUE NO PRIMEIRO FIM DE SEMANA DO FESTIVAL CoMA, NO CCBB. HOJE, SOBEM AOS PALCOS CHORO NO EIXO, LUPA E 'AKHI HUNA, A PARTIR DAS 12H



Banda Lupa estreia no festival



Duo 'akhi huna volta aos palcos do evento

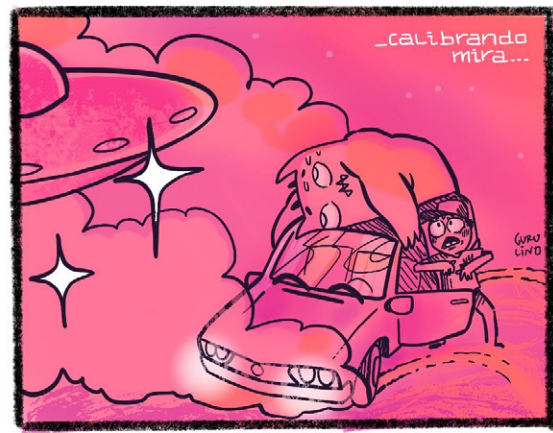
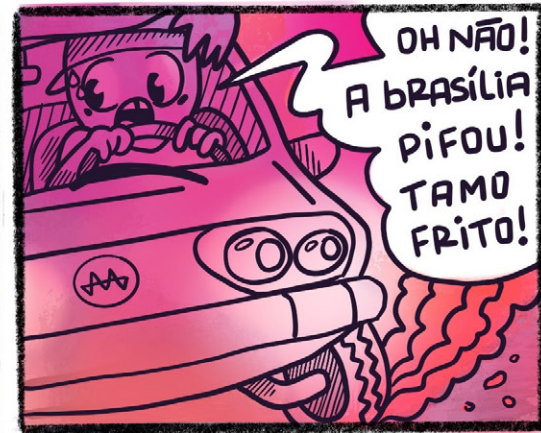


Grupo baiano Maglore encerra a noite

FESTIVAL CoMA
Hoje, a partir das 12h, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB)
Ingressos gratuitos mediante retirada no site: ingressos.cccb.com.br/cidades
Classificação indicativa: 16 anos. Menores de 16 anos somente acompanhados dos pais ou responsável legal, com documento de liberação devidamente registrado em cartório

CANDANGA

GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon



@gurulino